

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CÉLIA MARIA FERIANE GALVÃO  
LUANA BARBOZA BRAUM**

**A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA  
PÚBLICA DE VILA VELHA/ES NA PANDEMIA**

**VITÓRIA  
2022**

CÉLIA MARIA FERIANE GALVÃO  
LUANA BARBOZA BRAUM

**A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO  
FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA  
PÚBLICA DE VILA VELHA/ES NA PANDEMIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para aprovação da disciplina de TCC.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha

VITÓRIA  
2022

CÉLIA MARIA FERIANE GALVÃO

LUANA BARBOZA BRAUM

**A UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE VILA  
VELHA/ES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado Curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para aprovação da disciplina de TCC.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Luiz Alexandre Oxley da Rocha**  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador e Presidente da Comissão

---

**Prof. Dr. Luiz Fábio Loureiro**  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

**Prof. Dr. Nelson Figueiredo de Andrade  
Filho**  
Universidade Federal do Espírito Santo

## AGRADECIMENTOS

Dedicamos esta pesquisa, em primeiro lugar, a Deus, que nos deu sabedoria e forças para superar todos os momentos difíceis com os quais nos deparamos ao longo da nossa graduação; aos nossos pais, por serem essenciais nas nossas vidas; e a toda família, por nos incentivar a não desistir deste sonho.

Ao nosso orientador Luiz Alexandre Oxley da Rocha, por todo apoio e paciência ao longo da elaboração do nosso projeto. Queremos agradecer igualmente a todos os professores do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo pelos conselhos e pela ajuda durante os nossos estudos e a produção deste TCC, em especial ao professor Fábio Luiz Loureiro, que não soltou a nossa mão nas crises de desesperos e, com toda paciência, nos ajudou. Também agradecemos ao professor Nelson Figueiredo de Andrade Filho, por ter aceitado compor a nossa banca.

Ao namorado e à namorada, somos imensamente gratas por toda a compreensão e apoio nas crises de desesperos, saibam que tudo que fizeram estará nos nossos corações. Somos gratas também aos nossos amigos(as) de faculdade e do *crossfit*, que permitiram que essa caminhada fosse mais alegre. Em especial, agradecemos à nossa parceira de trio, Mariana, que, desde o início, andou lado a lado nos apoiando e incentivando.

Ao diretor Alexandre Carleto Faria e a todos os discentes e docentes da escola Rubem Braga, que nos receberam e se propuseram a nos ajudar. Em especial, agradecemos ao professor Gabriel Izoton, que, além de ajudar na nossa entrada na escola, nos auxiliou durante a construção do trabalho.

## RESUMO

Diante da realidade em que vivemos, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) tornaram-se bastante prevalentes em nosso presente, principalmente devido à pandemia da Covid-19, cenário em que tudo o que fazíamos em público passou a ser feito em casa, usando *laptops* e *tablets*, por exemplo. Com isso, a escola teve que se ajustar a esse novo panorama, implementando essas tecnologias durante todo o período de isolamento para garantir que os/as alunos/as não ficassem sem aulas. O objetivo deste estudo é verificar o impacto das TICs em discentes e docentes nas aulas de Educação Física de uma escola pública de Vila Velha/ES. A metodologia utilizada na presente investigação foi qualitativa. Realizamos entrevistas gravadas como parte de um estudo de caso para examinar os dados. Como resultado, entendemos que a comunicação e a proximidade entre a casa e a escola são cruciais para que as crianças colaborem para uma qualidade no ensino. A escola deve buscar iniciativas que apoiem cada vez mais educadores/as e famílias no uso da tecnologia à medida que o mundo se torna mais globalizado e, conseqüentemente, propício a novas pandemias. Experiências futuras podem ser melhoradas com a incorporação dessas novas tecnologias na vida de crianças, professores/as e famílias.

**Palavras-Chave:** Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Educação Física Escolar. Pandemia da Covid-19.

## ABSTRACT

Given the reality we live in, information and communication technologies (ICT) are quite prevalent in our present, mainly due to the Covid19 pandemic, in which everything we did in public had to be done at home using laptops and tablets. With this, the school had to adjust to this new reality, implementing these technologies throughout the pandemic period to ensure that students did not run out of classes. The objective of this study is to verify the impact of information and communication technologies on students and teachers in physical education classes in a public school in Vila Velha. The methodology of this study was qualitative, and we conducted recorded interviews as part of a case study to examine the results. As a result, we understand that communication and proximity between home and school are crucial for them to collaborate. The school must seek initiatives that support teachers and families in the increasing use of technology as the world becomes more globalized and receptive to new pandemics. Future experiences can be enhanced by incorporating these new technologies into the lives of children, teachers and families.

**Keywords:** Information and Communication Technologies (ICT). School Physical Education. Covid19 pandemic.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 JUSTIFICATIVA</b> .....	10
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	11
3.1 OBJETIVO GERAL .....	11
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICO .....	11
<b>4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	12
4.1 ASPECTOS LEGAIS E PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	12
4.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E CURRÍCULO ESCOLAR.....	14
4.3 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO .....	16
4.4 AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E TECNOLOGIA.....	19
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	21
<b>6 DESAFIOS E POSSIBILIDADES ENCONTRADOS NA INTERVENÇÃO DOS PROFESSORES</b> .....	25
6.1 RELATO EDUCACIONAL DOS ALUNOS SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVIDA.	33
<b>CONCLUSÃO</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS ALUNOS</b> .....	47
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS PROFESSORES</b> .....	48

## 1 INTRODUÇÃO

A lei nº 9.394 de 1996, referente às Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 4, afirma que a Educação Básica é obrigatória e gratuita dos quatro aos dezessete anos de idade, contribuindo para o desenvolvimento do organismo e da personalidade do educando. Em seu artigo 23, após muitas mudanças, ela mantém a Educação Física como componente curricular obrigatório por meio de competências e outros critérios.

Além disso, a Educação Física, no início do século XX, foi marcada por práticas com instruções militares, voltada para a disciplina, higiene, eugenia e o desenvolvimento físico por meio dos métodos ginásticos (gímnicos). Com o processo de esportivização, a competição ganhou destaque, mas o desenvolvimento das capacidades físicas não mudou. Foi a partir dos anos 1980 que essa área viveu uma mudança de concepção, com a ideia de formação integral (ainda não totalmente incorporada à sua prática) questionando o desempenho físico e a competição. Atualmente, as práticas estão voltadas para as competências de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), segundo a qual o aluno deverá “saber” e “saber fazer” – postura denominada por Saviani (1997, p. 26) como novo tecnicismo.

A Educação Física está presente como componente curricular na escola brasileira e convive com as contradições da sua oferta à população. A desigualdade do acesso e da qualidade entre setores da nossa população é notório. Para o Governo Brasileiro, a

BNCC por si só não alterará o quadro de desigualdade ainda presente na Educação Básica do Brasil, mas é essencial para que a mudança tenha início porque, além dos currículos, influenciará a formação inicial e continuada dos educadores, a produção de materiais didáticos, as matrizes de avaliações e os exames nacionais que serão revistos à luz do texto homologado da Base (BRASIL, 2018, p. 5).

A desigualdade se agravou com o período pandêmico, no qual o ambiente escolar e professores/as tiveram que se reinventar para dar aula a distância por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O termo refere-se à conjugação

da tecnologia computacional ou informática com a tecnologia das telecomunicações e tem na Internet e, mais particularmente, na World Wide Web (www) a sua mais forte expressão (MIRANDA, 2007, p. 43). Quando essas tecnologias são usadas para a área educacional, percebemos que, mesmo não respondendo na mesma rapidez, a educação e documentos como a LDB tendem a adaptar-se a essa nova realidade.

Nesse contexto, percebemos que a Educação Física pode ter sofrido alterações nas suas concepções e abordagens pedagógicas, tendo que se adequar à realidade da sociedade contemporânea. Diante desse panorama, é importante lembrar que uma parte dos estudantes nasce inserida nessa nova realidade tecnológica, diferente de seus pais e até mesmo professores/as. No entanto, por força das desigualdades sociais e educacionais, grande parcela não tem acesso a essas novidades. Em paralelo a isso, nos questionamos se a Educação Física, que passou a preparar não somente o corpo do estudante, mas também a sua integralidade e a ter uma visão crítica da sociedade, está apta a trabalhar com as TICs em suas práticas de ensino-aprendizagem.

Perante o contexto apresentado, temos a pergunta desencadeadora desta pesquisa: como professores/as e estudantes têm utilizado as TICs no processo didático das aulas de Educação Física em uma escola de Ensino Fundamental pública do município de Vila Velha/ES?

## 2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa se fundamenta primeiramente por um interesse pessoal, visto que o uso das tecnologias está muito presente no dia a dia das crianças e dos/das adolescentes. Atualmente, tanto no contexto social como no educativo, é possível verificar um grande esforço, por parte dos governos estadual e municipal, para a inserção das tecnologias nas escolas. Além disso, é igualmente observável a existência de trabalhos de investigação relacionados a essas tecnologias. Entretanto, a grande maioria desses estudos não pensa a aplicabilidade e a utilização desses recursos nas aulas de Educação Física para o ensino fundamental. Por conta disso, é de suma importância realizar a presente pesquisa. Dessa forma, pretendemos entender como as tecnologias estão presentes nessa etapa estudantil e se elas são vistas como algo positivo, tanto pelo olhar pedagógico de professores/as de Educação Física como pelos/as alunos/as.

O benefício da presente pesquisa, para os pais, será compreender um pouco melhor como foi o processo de ensino-aprendizagem de seus filhos. Com o resultado das entrevistas (metodologia utilizada para gerar os dados), os responsáveis terão um conhecimento de modo a entender por quais dificuldades e facilidades seus filhos passaram durante o período pandêmico e se, durante esse período, eles conseguiram adquirir um bom aproveitamento na sua aprendizagem, além de também ser possível analisar como eram as aulas de Educação Física antes e durante o isolamento e no retorno das aulas presenciais. Para os alunos, as respostas desse exame serão um meio de refletir sobre a sua própria experiência com a tecnologia e a Educação Física nas aulas online, visto que, ao voltarem para a instituição, eles poderão analisar quais as dificuldades estão passando para que as vivências corporais voltem à normalidade.

Por meio desta pesquisa, analisamos se as TICs motivaram ou não essas crianças a participarem das aulas no período pandêmico, melhorando o seu ensino-aprendizagem. No âmbito científico, pensamos em contribuir com os estudos sobre a tecnologia imersa nas aulas de Educação Física, visto que não temos investigações com essa temática no Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Analisar como o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) afetam ou não alunos/as e professores/as nas aulas de Educação Física de uma escola pública de Vila Velha/ES durante o período pandêmico.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICO**

- Identificar como as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) impactam no processo pedagógico de professores/as nas aulas de Educação Física.
- Identificar as dificuldades dos/as alunos/as e professores/as na inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nas aulas.
- Investigar como o uso da tecnologia interferiu na aprendizagem dos/as alunos/as, considerando conteúdos, participação nas aulas e avaliação durante a pandemia.

## 4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 4.1 ASPECTOS LEGAIS E PEDAGÓGICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na LDB 4024/1961, a Educação Física teve sua obrigatoriedade estendida a todos os níveis e ramos de ensino, com predominância esportiva na Educação Superior. Já na década de 1970, o decreto 69450/1971 determina, respectivamente, a integração ao currículo como atividade escolar regular e a aptidão física como referência para o planejamento, controle e avaliação.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei nº 9.394/96, esse ensino que corresponde ao nível fundamental dura nove anos e é a segunda etapa da Educação Básica. O currículo deve ter uma base nacional comum e que precisa ser complementada com uma parte diversificada, que possui temas pertinentes à sociedade local (BRASIL, 2013). Entender o contexto no qual os/as alunos/as estão inseridos/as é imprescindível, principalmente no período pandêmico, que surpreendeu tanto docentes quanto discentes e pais, já que todos/as foram obrigados/as a passar por uma grande mudança.

A Educação Física sempre foi vista como uma disciplina, em sua grande totalidade, prática e, nesse momento histórico, os/as professores/as tiveram que se reinventar a fim de conseguir transmitir todo seu conhecimento de forma mais teórica, visto que nem todos/as os/as alunos/as tinham acesso à tecnologia. Esse entendimento sobre os vários contextos diferentes foi importante para tentar atingir todo o corpo docente, pois não era possível passar determinado conteúdo ou prática para se fazer em casa sabendo que nem todos os alunos conseguiram concluir as atividades.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018, p. 213),

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história.

Para além disso, a Educação Física é dividida por competências gerais, por área e por componente curricular. Cada componente tem a sua unidade temática, que lhe é específica. Lopes e Macedo (2011) chamam a atenção para a grande articulação, sob a batuta do mercado, dos organismos internacionais, avaliações padronizadas e currículos por competências. Entramos, então, no seguinte questionamento: como pode um documento dizer o que é essencial para um indivíduo saber? A justificativa se deu em: “igualdade educacional” (BRASIL, 2018, p. 15). A definição dessas competências é bastante altiva, porque implica o que são conhecimentos fundamentais para todos os/as alunos/as do Ensino Fundamental em um país com dimensões continentais e tão diversas quanto o nosso.

Em um sentido hipotético, nossa rejeição dessa ideia significa que toda escola ou professor/a deve ser livre para transmitir da forma que achar melhor o conhecimento. Acreditamos que todas as crianças precisam aprender a ler, assim como precisam entender o significado de jogos, de danças, de lutas, de esportes e de ginástica. A chamada aprendizagem essencial deve cessar nisso. Especificar o tipo de texto a ser manuseado, quando ele vai acontecer, qual componente da prática física precisa ser ensinado e em que momento são pontos totalmente diferente. É com essa intenção que a BNCC procura se infiltrar nas salas de aula de todo o país e decidir o que deve ser ensinado, apesar de não conhecer as crianças, os/as jovens ou os adultos de lá ou como todos esses sujeitos vivem.

É importante salientar também que a Educação Física oferece um leque de possibilidades para ampliar as experiências de cada indivíduo na Educação Básica. Podemos destacar, como dito na BNCC (BRASIL, 2018, p. 213), “saberes corporais, experiências estéticas, emotivas, lúdicas e agonistas, que se inscrevem, mas não se restringem, à racionalidade típica dos saberes científicos que, comumente, orientam as práticas pedagógicas na escola”.

Existem três elementos comuns às práticas corporais: o movimento corporal, organização interna e produto cultural. Cada um propicia o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências. Ou seja:

A vivência da prática é uma forma de gerar um tipo de conhecimento muito particular e insubstituível e, para que ela seja significativa, é preciso problematizar, desnaturalizar e evidenciar a multiplicidade de sentidos e

significados que os grupos sociais conferem às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção (BRASIL, 2018, p. 214).

Para isso, as escolas organizam seus currículos integrando o contexto local, regional e global. Os/as alunos/as adquirem conhecimentos e valores explícitos nas diretrizes nacionais, com o intuito de se construir suas identidades mais responsáveis por suas ações, desenvolver autonomia e se preparar para o mundo do trabalho.

#### 4.2 EDUCAÇÃO FÍSICA E CURRÍCULO ESCOLAR

A Educação Física é reafirmada na BNCC como constituinte da Área das Linguagens, em articulação com a Língua Portuguesa, a Arte e a Língua Inglesa. Nessa perspectiva, ela “tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história” (BRASIL, 2018, p. 213).

Sobre o caráter obrigatório ou não desses componentes, Castro (2018, p. 30) declara: “Não é o componente curricular dessas disciplinas que é obrigatório e, sim, o ensino de Sociologia, Filosofia, Educação Física e Arte em atividades que podem ser dentro de uma disciplina específica ou em projeto interdisciplinar”. O/a novo/a aprendiz está se desenvolvendo em meio à tecnologia digital e, para Prensky (2001, p. 5), “nossos estudantes são nativos falantes da era dos computadores. Ou melhor, são os nativos digitais”. Segundo o autor, as crianças que nasceram depois da criação do computador têm uma maior facilidade de adaptação a eles, até porque convivem desde a infância com esse objeto.

Assim, os/as estudantes da atual sociedade contemporânea chegam às escolas com um conhecimento e uma forma de aprendizagem diferenciada de crianças e jovens do século passado, tanto pelos diversos fatores culturais quanto por conta dos avanços tecnológicos. Essa mudança não afetou apenas alunos/as, mas, também, os/as professores/as de Educação Física e suas práticas de ensino.

Capllonch (2007, *apud* SEBRIAM, 2009, p. 66) considera que

[...] em nenhum caso a tecnologia deve roubar o espaço da atividade motora ou ainda, converter-se em uma alternativa para os dias de chuva, ou quando não se dispõe de uma instalação. Na visão da pesquisadora, é obrigação e responsabilidade dos professores introduzir estes novos recursos para favorecer os processos de ensino e aprendizagem dos alunos, assim como, modelos formativos inovadores que se adequem à maneira de aprender e às necessidades e tendências dos estudantes atuais, entretanto, não somente desde uma perspectiva técnica, mas também crítica, que implique os próprios recursos com objeto de estudo.

Concordando com o Capllonch, destacamos os processos de ensino e aprendizagem, afinal, a Educação Física se trata de uma disciplina que envolve prática e teoria (práxis) e, considerando o avanço das tecnologias e suas mudanças, podemos incluí-la no meio escolar. O professor, ao incluir as tecnologias no ensino-aprendizagem dos/das alunos/as, pode motivá-los/las e animá-los/las na prática deles/as. Além disso, a inserção dessas novas tecnologias é fundamental nos dias de hoje, visto que, com os avanços tecnológicos e o período pandêmico, foi possível entender que é de suma importância cada vez mais conseguir incluir esse recurso dentro das salas de aula, não somente como forma de substituição, mas como maneira de integrar e contribuir com a formação do indivíduo.

Foi evidente que, durante a pandemia, tanto docentes quanto discentes passaram por muitas dificuldades de adequação ao uso de tecnologias. Apesar de hoje, no mundo mais globalizado, a maioria das pessoas ter acesso a esses recursos, a situação é diferente quando se fala em utilizá-los para o ensino, principalmente na disciplina de Educação Física. Logo é fundamental para o/a professor/a se adequar às ferramentas tecnológicas para que os/as alunos/as fiquem preparados para o seu uso dentro e fora de sala de aula e também para conseguir enriquecer o ensino-aprendizagem tanto na escola quanto em casa, como uma forma de conseguir aprofundar os estudos envolvendo a disciplina.

A tecnologia é um recurso imprescindível na formação e no trabalho dos/as professores/as e como uma ferramenta para ser utilizada no exercício da docência (CAPLLONCH, 2005, 2007 *apud* SEBRIAM, 2009). Ela pode ser integrada à educação a partir de diversas perspectivas: “como recurso didático, objeto de

estudo, componente de comunicação e expressão, instrumento de organização, gerenciar e administrar programas educacionais e como ferramenta de pesquisa” (CABERO 2000 *apud* SEBRIAM, 2009, p. 37).

Essas tecnologias poderiam ser utilizadas, na Educação Física, por meio de apresentações, materiais, gamificação (o termo compreende a aplicação de elementos de jogos em atividades de não jogos) e filmes. Assim, em um ambiente educacional, aparatos tecnológicos precisam se integrar ao aprendizado do/da aluno/a e aos materiais curriculares. Esses recursos devem traduzir o currículo do/da professor/a para o dia a dia da escola, potencializando o aprendizado e motivando os/as educandos/as.

#### 4.3 TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

O campo da educação não fica imune aos movimentos globais que influenciam a todos. Como afirma Moraes (2008), a estrutura funcional do mundo contemporâneo repercute e afeta o sistema educacional e o processo de aprendizagem, exigindo novas habilidades para a continuidade do processo.

O acesso à internet e à rede de computadores possibilita o desenvolvimento da aprendizagem e das práticas de ensino. A escola é um espaço de interação social, possibilitando a conexão entre os conhecimentos, tornando-os em uma ferramenta de transformação.

É na escola onde o conhecimento é produzido e, apesar de possuírem espaços disponíveis e ferramentas tecnológicas, educadores/as e alunos/as se limitam a processos educacionais tradicionais, mantendo o foco em materiais escritos e estáticos, sem estimular a convergência digital e conservando, dessa forma, o processo de aprendizagem fixado em conteúdos programáticos. Embora as mudanças as quais temos sofrido, ainda há a percepção de um ambiente escolar em que o/a professor/a é considerado/a a única fonte de conhecimento e de informação (KENSKI, 2007; CERISIER, 2008; MORAES, 2008).

Tecnologias da Informação fazem parte do cotidiano das escolas brasileiras. Professores/as e alunos/as lidam com essas ferramentas e convivem com a necessidade de desenvolver metodologias para aperfeiçoar a sua utilização de forma a melhorar a qualidade do processo educacional (FINARDI, 2013).

Segundo Cerisier (2008, p. 233), nesse processo, ocorre

a potencialização da face técnica dos equipamentos, sem que haja a problematização do uso dos equipamentos, tendo por base as três questões basilares na relação conteúdos, alunos e tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem: Como fazer? Por que fazer? Para quem fazer?

Entretanto, o meio educacional passa por transformações. Veja o que Soares e Almeida (2005, p. 3) dizem:

Um ambiente de aprendizagem pode ser concebido de forma a romper com as práticas usuais e tradicionais de ensino-aprendizagem como transmissão e passividade do aluno e possibilitar a construção de uma cultura informatizada e um saber cooperativo, onde a interação e a comunicação são fontes da construção da aprendizagem.

O uso de tecnologias demanda tratar aspectos multiculturais e implicações na estrutura organizacional, envolvendo os/as professores/as como componentes principais no processo de mudança (KENSKI, 2007).

Às instituições escolares cabe a inclusão das novas tecnologias e a condução do processo de mudança da ação docente, sendo esse o principal responsável pelas mudanças, capacitando o aluno/a na busca apropriada da informação nas várias fontes disponíveis. Contudo, a comunidade escolar deve conscientizar-se da relevância da tecnologia para o desenvolvimento sociocultural. As escolas não podem ficar isoladas desse processo que afeta toda a sociedade (PRETTO; SERPA, 2001). Historicamente, a educação escolar tem como característica a utilização de uma forma padronizada de ensinar, sem observar o cotidiano dos/as alunos/as.

Para Pretto e Serpa (2001, p. 28),

O impasse da educação hoje é a existência de um profundo abismo entre o mundo fora da escola e o interior da mesma. Essa percepção é desencadeada por este momento de intensas transformações socioeconômicas, culturais e também as mudanças radicais de caráter histórico, bem como são perceptíveis as agudas crises no que se refere aos conflitos dos processos identitários, a banalização dos significados, as profundas incertezas e a demasia de angústias que vivemos. Assim, não podemos imaginar que a escola possa passar incólume frente a todos esses desafios. O que é mais grave é que ela não está a contento nem mesmo para atender às tradicionais expectativas do próprio sistema escolar.

Professor/a e aluno/a têm atuação fundamental nesse processo de aprendizagem. Os/as discentes precisam deixar a passividade de escutar, ler e repetir os ensinamentos dos/as docentes e desenvolver o senso crítico. Os/as educadores/as, no entanto, precisam estimular a pesquisa e a busca pelo conhecimento. Nesse cenário, ambos necessitam desenvolver técnicas para acessar a informação, saber onde encontrá-las e como utilizá-las (BEHRENS, 2000).

De acordo com Valente (1993, p. 12), a utilização do meio digital usando a mesma sistemática de ensino não é adequada:

Uma outra abordagem muito comum nas escolas, hoje, é a utilização do computador em atividades extraclasse, com o intuito de ter a Informática na escola, porém sem modificar o esquema tradicional de ensino. Certamente, essa abordagem não se encaixa no que entendemos como Informática na Educação. Em geral, essa atividade extraclasse é desenvolvida por um especialista em Informática, cuja função é desenvolver alguma atividade de uso do computador na escola. Essa abordagem tem sido adotada por escolas que desejam ter o computador implantado nas atividades educacionais, mas não estão interessados em resolver as dificuldades que a inserção do computador na disciplina normalmente acarreta, como a alteração do esquema de aulas, ou o investimento na formação dos professores das disciplinas.

As aulas precisam assumir outra dinâmica que não somente a exposição. De acordo com Demo (1993), precisamos centrar na estimulação da pesquisa, na participação e na construção de conceitos.

#### 4.4 AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E TECNOLOGIA

Os/as professores/as precisam se atualizar para as novas tecnologias, principalmente com a pandemia. Segundo Godoi, Kawashima e Gomes (2020), durante esse período, as aulas de Educação Física, até então baseadas nas práticas corporais e atividades coletivas, precisaram ser adaptadas. Os/as docentes tiveram que programar suas práticas para que o/a aluno/a realizasse as atividades de forma individual ou com algum membro da família.

Para Arruda (2020), os/as profissionais envolvidos no contexto escolar precisam juntar esforços para refletir acerca das estratégias utilizadas no processo de ensino e para adaptá-las a cada realidade, uma vez que essa será uma saída essencial para amenizar os impactos deixados pela crise do novo Coronavírus.

Nesse contexto, Raiol *et al.* (2020) apontam que os/as professores/as foram pressionados a cumprir novas exigências pedagógicas e administrativas, mas faltava-lhes estrutura adequada, o que implica processos de precarização do trabalho docente. Tendo uma estrutura adequada e apoio de órgãos governamentais, seria possível inserir diversas tecnologias para o ensino e a aprendizagem dos/as alunos/as.

A evolução dos *videogames* com os sensores de movimento e rastreamento levaram o jogador à interação com o corpo todo, surgindo uma nova categoria chamada de *exergames* (ROHDEN, 2017). Para Santos e Santos (2010), essa modalidade é composta por jogos eletrônicos que são comandados pelo movimento do corpo da pessoa, utilizando uma tecnologia específica.

Estudos demonstram a efetividade e a viabilidade do uso dos *exergames* para desenvolver habilidades motoras, manter ou aprimorar o condicionamento físico, auxiliar no desenvolvimento de hábitos de vida mais saudáveis e motivar os/as estudantes para prática através da experiência relatada na teoria de fluxo (ROHDEN, 2017, p. 1).

Os *exergames* podem ser utilizados com objetivos educacionais, desenvolvendo-se aspectos como: motivação para aprender uma determinada tarefa, percepção do próprio corpo no espaço, coordenação motora, reflexão e solução de problemas,

além de trabalhar propriedades comportamentais, como o autocontrole (ASSIS; FRANCO, 2011).

O software de competição esportiva garante que o usuário experimente emoções especificamente semelhantes às experimentadas durante uma apresentação ao vivo. Coloca o jogador na quadra de basquete, juntando -se ao time do Chicago Bulls, por exemplo, em um jogo crucial contra o Lakers. Ou em qualquer competição internacional significativa em outro esporte, como a final do torneio de tênis de Wimbledon de acordo com Kenski (1995, p.132).

Desse modo, a capacidade interativa dos *games*, de maneira geral, elimina o caráter passivo dos habituais telespectadores, pois o atleta virtual está dentro da arena, no cenário da partida, e o seu desempenho será acompanhado e pontuado. “O jogador pode alcançar a vitória, quebrar recorde, subir ao pódio e receber medalhas virtuais sem se deslocar da cadeira e da frente da tela do computador”. (KENSKI, 1995, p. 132).

## 5 METODOLOGIA

Esta pesquisa teve um caráter qualitativo, com a busca de uma descrição mais detalhada dos acontecimentos e resultados. Segundo Denzin e Lincoln (2006), o método qualitativo envolve uma abordagem interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. Tendo pensamento semelhante, Vieira e Zouain (2005) afirmam que a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles.

Essa abordagem oferece três diferentes possibilidades para a realização do estudo: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Neste trabalho, utilizaremos o estudo de caso, que, de acordo com Lüdke e Meda (1986, p. 17), “É o estudo de um caso, simples e específico ou complexo e abstrato e deve ser sempre bem delimitado. Pode ser semelhante a outros, mas é também distinto, pois tem um interesse próprio, único, particular e representa um potencial na educação”. Ou seja, o propósito é compreender melhor um caso particular em si, em seus aspectos intrínsecos da unidade social, como, por exemplo, as aulas de Educação Física das turmas do ensino fundamental I da escola pública Rubem Braga, em Vila Velha/ES. Considerando essencial a interpretação de dados feita no contexto, a busca por novas respostas e as indagações e o uso de uma variedade de fontes de informação.

Para esse método, existem vários meios de produção de dados possíveis. Neste trabalho, foram utilizadas as entrevistas, sendo elas curtas para os/as alunos/as e mais longas para os/as professores/as. Haguette (1997, p. 86) define “a entrevista como um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado”.

O objetivo da entrevista consistiu na coleta de informações do respondente acerca de determinada temática ou problemática (LAKATOS; MARCONI, 2003). No que se refere aos estudos de caso, Yin (2015) destaca que as entrevistas predominam como fonte de evidências justamente devido aos assuntos humanos e aos eventos

comportamentais abordados nesse tipo de pesquisa. Com isso, conseguimos coletar informações do que professores/as e alunos/as acham sobre o uso das tecnologias no meio das aulas de Educação Física, o que permitiu uma interação entre pesquisados e pesquisadores.

Assim, de acordo com o pensamento de Minayo, Deslande e Gomes (2011, p. 63),

O que torna o trabalho interacional (ou seja, da relação entre pesquisador e pesquisados) um instrumento privilegiado de coleta de informações para as pessoas é a possibilidade que tem a fala de ser reveladora de condições de vida, da expressão do sistema de valores e crenças, e ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor.

A etapa das entrevistas foi muito importante e exigiu tempo e cuidado com a abordagem. O objetivo foi fazer perguntas que levassem os/as entrevistados/as a relembrem acontecimentos e não somente a elaborarem respostas diretas. Neste trabalho, utilizou-se a entrevista semiestruturada, gravada, sem tempo mínimo e máximo de duração, deixando o/a entrevistado/a livre para trazer conteúdos além do questionado. Segundo Minayo, Deslande e Gomes (2011, p. 64), esse método

Combina tanto perguntas fechadas como abertas, onde o entrevistado pode responder além da pergunta já formulada no questionário preparado, contribuindo para uma conversa mais informal possibilitando que o entrevistado discorra mais sobre o assunto, durante a entrevista o entrevistador poderá inserir alguns elementos pertinentes para que ele consiga coletar mais informações.

Dessa forma, a entrevista semiestruturada foi elaborada com onze perguntas norteadoras aos/às alunos/as e 13 aos/às professores/as, retratando sobre a temática e os objetivos a serem atingidos. A interlocução foi feita presencialmente com 21 alunos do ensino fundamental I do 3º ao 5º ano I (7-11 anos) e com os dois professores de Educação Física presente na instituição, como uma forma de facilitar a coleta de dados.

A escolha dos/as alunos/as foi feita de forma não pré-estabelecida. Foram selecionados aleatoriamente 21 alunos/as de 3º ao 5º ano que se propuseram a

participar da pesquisa. Visto que tivemos muitas dificuldades para conseguir os termos de autorização assinados pelos pais e responsáveis, essa quantidade de partícipes foi uma estratégia para diversificar o conjunto sem ficar com um volume muito grande de entrevistas, facilitando a descrição dos áudios. A escolha dessas séries foi feita pelo fato de que esses/as alunos/as estavam matriculados na instituição durante o período da pandemia. Seus nomes reais serão trocados e seus direitos respeitados pelas normas éticas.

Todos os participantes tiveram a opção de prosseguir ou sair da pesquisa de maneira espontânea, sendo incluídos ou excluídos conforme sua própria vontade. Caso não se sentissem à vontade para continuar no estudo eles/as poderiam sair a qualquer momento, não sendo de caráter obrigatório a permanência durante toda a entrevista.

O tratamento dos dados dessas entrevistas foi feito por meio da análise de conteúdo. Godoy (1995) afirma que essa abordagem, segundo a perspectiva de Bardin, consiste em uma

técnica metodológica que se pode aplicar em discursos diversos e a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte. Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tornados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira.

A análise de conteúdo foi feita mediante algumas etapas. De início, ouvimos todas as entrevistas. Logo depois, começamos o processo de transcrição das interlocuções – nesse processo, transcrevemos as entrevistas exatamente do jeito que os participantes responderam. Após realizar as transcrições, agrupamos as respostas de todos em cada pergunta, a fim de facilitar as comparações.

Bardin (2011) indica que a utilização da análise de conteúdo prevê três fases fundamentais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados (a inferência e a interpretação).

O processo de discussão das análises foi feito primeiramente com as entrevistas dos professores, nas quais fizemos a leitura de toda as interlocuções e buscamos pontos-chave de temáticas que seriam importantes para o nosso trabalho. Dentro dessa análise, procuramos fazer um diálogo entre as respostas dos docentes com o que a literatura nos traz e com as nossas percepções durante o tempo que passamos dentro da escola realizando os inquéritos.

Após realizar as análises das entrevistas dos professores, iniciamos o exame das interlocuções com os/as aluno/as. Nessa etapa, além de fazer o diálogo entre respostas com a literatura e com as nossas percepções, também trouxemos algumas falas dos professores que convergiram ou divergiram dos pontos citados pelos/as discentes entrevistados/as. Esse diálogo entre as partes envolvidas no trabalho foi imprescindível para que pudéssemos chegar a algumas interpretações entendendo o que de fato aconteceu nessa escola durante esse período.

A Unidade Municipal de Ensino Fundamental (UMEF) Rubem Braga foi escolhida por estar na cidade de Vila Velha/ES e por haver uma maior facilidade de acesso através do nosso Orientador Luiz Alexandre Oxley. Logo, isso favoreceu a nossa aproximação e comunicação interna e externa com a diretora, os/as discentes e os/as docentes.

Essa instituição é uma escola da rede municipal de ensino fundamental I. Notamos que ela não possui uma estrutura boa, como, por exemplo, não há, na quadra, piso próprio para a prática de atividade física. Porém, o ambiente é muito bem organizado pelos/as professores/as e coordenadores/as. Apesar das adversidades, os/as docentes conseguem passar todo o conteúdo como planejado.

Por fim, a revisão bibliográfica foi feita por meio dos buscadores Pubmed/Medline, Scielo, Periódicos CAPES, Google acadêmico e citações em artigos, revistas e trabalhos, como monografias e dissertações. As palavras-chave incluíram os seguintes termos: *Educação Física Escolar*, *Tecnologia*, *Ensino Fundamental*, *Educação*, *Exergames* e os seus respectivos sinônimos em língua portuguesa.

## 6 DESAFIOS E POSSIBILIDADES ENCONTRADOS NA INTERVENÇÃO DOS PROFESSORES

Neste capítulo, apresentaremos os dados que geramos a partir das entrevistas com os professores. Ele será estruturado com referência às indagações feitas ao longo do inquérito. De início, tratamos, para ambos os professores, de perguntar como eram as suas aulas de Educação Física antes, durante e após a pandemia, a fim de compararmos se houve alguma mudança nesses períodos. Também questionamos como eram feitas as avaliações, as práticas e as estratégias antes e durante o período de ensino a distância (EAD). Outra indagação foi se houve algum suporte da escola ou do governo para esse ensino a distância e quais foram as facilidades e as dificuldades encontradas por eles como professores.

Durante o processo de análise das entrevistas, percebemos que algumas respostas se aproximavam quando perguntamos como eram as aulas de Educação Física antes da pandemia e quais eram os conteúdos utilizados. Houve concordância entre os dois entrevistados e suas respostas foram comparáveis. Tanto o Professor A quanto o Professor B nos disseram que as aulas eram, em sua grande totalidade, compostas por práticas que envolviam jogos e brincadeiras, esportes, dança e ginástica, havendo uma grande diversidade de conteúdo. Durante suas falas, foi mencionado que, mesmo não tendo uma boa estrutura, eles sempre buscaram levar as crianças para a quadra.

Conseguimos reconhecer a falta de infraestrutura que os professores falaram durante esse período na escola, mas isso não os impediu de administrarem uma variedade de aulas práticas. Segundo Piaget (*apud* KRAMER, 2000, p. 29), “o desenvolvimento resulta de combinações entre aquilo que o organismo traz e as circunstâncias oferecidas pelo meio [...] e os esquemas de assimilação vão se modificando progressivamente, considerando os estágios de desenvolvimento”. Portanto, pode-se dizer que a aprendizagem tem certa relação com o espaço físico em que se desenvolve uma atividade educativa.

À medida que continuávamos a entrevista, indagamos sobre as avaliações feitas antes da pandemia. O professor B respondeu que sempre procurava avaliar os alunos de acordo com seus estágios de desenvolvimento, dizendo: *Eu vou avaliando*

*em formato de observação como está sendo o desenvolvimento motor e cognitivo deles. Em alguns casos, as crianças de 4º e 5º ano, eu costumo passar uma autoavaliação.*

Segundo Brookfield e Preskill (1999), a avaliação deve levar em conta tudo o que ela exhibe e deve ser fundamentada em observações minuciosas e respeitadas. Se isso for cumprido, o nível de confiança entre os/as participantes tende a subir e se tornar significativo para o crescimento tanto do/da participante quanto da comunidade que busca se democratizar.

Por sua vez, o professor A nos trouxe que, desde antes da pandemia, ele já tinha impasses relacionados às avaliações, visto que veio da área de treinamento esportivo e por isso têm dificuldades em fazer avaliações. Como resultado, sua dissertação de mestrado está relacionada a esse tema.

De acordo com os pontos-chave que emergiram ao longo das entrevistas, perguntamos aos professores se seus/as alunos/as frequentavam regularmente as aulas e se eles já haviam utilizado a tecnologia para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. As respostas foram as seguintes: o Professor B disse – *Sim, os estudantes sempre participavam das aulas e gostavam muito. Aula de Educação Física é uma aula que eles gostam muito de participar.* Relacionado à utilização de tecnologia, esse docente mencionou o seguinte: *Antes da pandemia, dificilmente nós usávamos apoio de tecnologia. Na verdade, eu utilizava apenas alguns vídeos, mas internet não. Era apenas alguns vídeos quando eu queria explicar algumas modalidades desportivas, eu fazia uso de alguns vídeos.*

O Professor A respondeu: *Todos faziam as aulas. Eu sou o tipo de professor que não permite que o aluno não faça. Se não quiser fazer os movimentos, ele vai fazer um relatório, mas vai estar ali presente na aula. Comigo não tem essa, é lei. O menino tem que fazer, ele não tem opção de não fazer as outras. Por que Educação Física ele pode optar em não fazer?.* Quanto ao uso de tecnologia, o referido docente disse: *Eu nunca usei muita tecnologia, não. Comecei a usar durante a pandemia, até mesmo porque a gente não tinha nem material físico, quanto mais tecnológico.*

Segundo Costa (2014), a aquisição de novas tecnologias pelas escolas não é garantia de aprendizagem, porque, na realidade, muitas instituições que possuem

esse recurso à sua disposição frequentemente não o utilizam e, quando há o seu uso como algo pedagógico, ele é reduzido à condição de acessório.

Portanto, é importante que o processo educativo seja inserido no contexto da atual era tecnológica em que vivemos. Torna-se imprescindível lembrar que a adoção de novas tecnologias em sala de aula não implica em excluir outros métodos de ensino, como as tradicionais aulas expositivas, mas, sim, permitir que os/as alunos/as se envolvam em outras atividades. Além disso, cabe ao/a professor/a determinar qual tecnologia melhor se adapta a um dado conteúdo e discutir isso com seus/as educandos/as.

Em certo momento, ainda quando estávamos perguntando se os professores faziam uso de alguma tecnologia, o Professor A disse: *Então, assim, eu brinco que a escola não tem estrutura nem pra ser escola, mas, infelizmente, a gente tem que dar aula nessas condições*. Essa fala ressalta um questionamento que tivemos, pois percebemos que a escola não possuía muita estrutura de escola e parecia uma casa com muitos cômodos e repartições.

Continuamos a entrevista com a seguinte pergunta: *Quais foram as principais mudanças em relação ao ensino durante o período pandêmico? compare antes, durante e depois*. Esse questionamento provocou uma discussão significativa. Como resultado, apresentaremos agora as principais falas dos docentes. O Professor B, logo de início, disse: *Com o início da pandemia, eu senti muita dificuldade em como trabalhar com meus alunos na Educação Física, porque o que a gente tem de ideia de Educação Física é uma coisa muito prática e aí eu senti bastante diferença*.

Nesse período, os professores se encontraram em uma situação muito difícil: como podemos fornecer algo prático que exija movimento para que seja avaliado como Educação Física escolar via computador, *smartphone* ou grupo de *WhatsApp*? O/a profissional de educação física, em especial, teve que se reinventar, saindo da zona de conforto e buscando novos conhecimentos para transmitir online.

Segundo o Professor B, a principal mudança que esse período pandêmico trouxe foram os conteúdos, visto que ele teve que se reinventar para conseguir ministrar suas aulas de modo que não fossem todas práticas. Com as crianças do 1º ao 3º ano, ele buscou fazer atividades manuais com materiais que as crianças tinham em casa. Já com os/as alunos/as de 4º e 5º, o docente começou incluir os temas

esportivos, levando em consideração a história, as regras e os fundamentos. Isso deu resultados na volta às aulas, pois abriu um leque de possibilidades de conteúdos em suas atividades.

Em sua fala, o Professor B enfatiza: *Eu comecei a inserir, nas minhas aulas, muito mais as teorias. Hoje em dia, eu consigo trabalhar muito mais a teoria e levar pra prática, como se o aluno não aprendesse somente o como fazer na prática e sim como se ele tivesse consciência de como foi a história daquela modalidade, suas regras e fundamentos, então acho que eu consegui absorver um pouquinho e juntar esse período pandêmico com minhas aulas. Acho que acrescentou bastante.*

Percebemos que, mesmo com todas as dificuldades citadas pelo Professor B, essa necessidade da incorporação do uso de tecnologia possibilitou uma mudança significativa em sua prática docente. Para “ter um melhor ensino, é preciso que se façam reformas estruturais na organização da escola e no trabalho docente” (KENSKI, 2003, p. 15). É necessário haver mudança principalmente no âmbito escolar, para que esse ambiente seja motivador para crianças e professores/as.

Por sua vez, o Professor A também nos trouxe pontos importantes relacionados a essa pergunta. Num primeiro momento, ele nos disse: *O período pandêmico foi complicado. Primeiro que foi tudo muito diferente para o mundo inteiro. Para Educação Física, a gente é movimento corporal, ficou um pouco mais complicado e o aluno depende exclusivamente dos pais.*

Quando indagamos sobre esse apoio dos pais, o Professor A relatou que a ajuda foi mínima, visto que crianças normalmente não possuem celulares, então era necessário que os responsáveis passassem todo esse conteúdo, que era enviado via *WhatsApp*, para os/as alunos/as. Na maioria dos casos, isso não aconteceu: *De 160 a 180 alunos que a gente tinha, eu tinha o feedback de 10 a 12, que mandava vídeo das crianças fazendo os movimentos, fazendo as brincadeiras.*

A pior fase da pandemia começou em 2020 e continuou até 2021, sendo a adoção do ensino remoto a solução mais prática encontrada por todos os sistemas educacionais para evitar o desligamento completo das salas de aula. Um/a professor/a gerencia remotamente sua turma pelo *WhatsApp*. Esse tipo de ensino trouxe uma série de desafios tanto para os/as docentes quanto para os/as discentes (SANTOS ROCHA; NASCIMENTO, 2021).

Ainda sobre quais as mudanças provocadas por esse momento histórico, o Professor A salientou como os/as professores/as ficaram sobrecarregados, já que, em certo momento, eles/as precisaram estar ativos em três meios diferentes de dar aula. Além das atividades pedagógicas não presenciais (APNP – espécie de livretos parecidos com apostilas), também eram utilizados o *Google Classroom* e *Google Meet*. Sobre isso, o docente disse: *A gente tinha que fazer as APNP e mandar pelo Whats, tinha que abastecer o Classroom e ainda tinha que dar aula no Google Meet, ou seja, era um trabalho enorme para um retorno do mínimo do mínimo.*

Podemos ver pela entrevista como os/as professores/as da rede estavam sobrecarregados/as nesse momento, porque eles/as tinham que dar conta de múltiplas esferas para conseguir dar aula. Além disso, foram poucos os/as alunos/as que participaram e deram retorno ao/à docente quando as aulas eram realizadas *online*. Ficou claro pelos comentários dos dois educadores que isso era desmotivador, por mais que eles quisessem criar uma aula dinâmica e diferenciada. Além disso, segundo Anderson (2002), a interação é importante para a criação de comunidades de aprendizagem, o que leva o/a educando/a a desenvolver habilidades interpessoais, ou seja, habilidades de se comunicar e se relacionar com outros.

Dando continuidade à entrevista, perguntamos se existia alguma estrutura de apoio aos/às professores/as para a integração de recursos tecnológicos às práticas pedagógicas? O Professor B respondeu: *No início da pandemia, a gente não teve nenhuma orientação vinda da Secretaria de Educação. A gente meio que aprendeu no susto a tentar transmitir a nossa disciplina a distância. Ainda segundo esse docente, com o tempo, o município foi buscando recursos para ajudar os/as educadores/as. Porém conforme, conforme esse profissional disse: Grande parte ficou com o professor mesmo. Tivemos que se virar e arrumar um meio de conseguir dar suas aulas a distância com todas as dificuldades, pois não foi um período fácil, não. Foi muito complicado.*

Respondendo a mesma pergunta, o Professor A relatou: *Nenhum. A prefeitura ainda disse “você têm que dar conta, porque você recebem até 18 horas. Se você não derem conta, fiquem até 18 horas na escola pra resolver.* Ainda nessa temática, ele nos trouxe o seguinte relato: *O suporte era mínimo e, em 2020, a gente teve várias falas assim: “você têm que justificar o seu salário”, ou seja, eles obrigavam a gente*

*a fazer um monte de coisa e dizia que eu tinha que justificar o meu salário senão eu não iria receber.*

Existiram vários desafios durante o período pandêmico, um deles foi a utilização de recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem. Segundo Costa (2015), é a falta de preparo docente na área que faz com que muitos/as profissionais se tornem resistentes ao uso e à integração de novos recursos em sala de aula. Esse desafio deve ser enfrentado pelo/a professor/a juntamente com a necessidade de refletir e de repensar seus métodos pedagógicos.

Além do mais, em toda sua fala, o Professor A acentua que não teve apoio. Em determinado momento, ele nos disse que teve que prover todos os meios de dar aula, como internet, computador, compra de *chip* de celular para que não divulgasse seu número pessoal. Enfatizou também sobre os horários de atendimento, já que era necessário responder os pais durante o período da noite, uma vez que era nesse turno que os responsáveis chegavam do trabalho.

Outro desafio enfrentado pelos/as professores/as foi a atividade fora do horário fixo de trabalho, adequando-se à rotina dos pais dos/as alunos/as. Assim, eles/as tiveram que responder dúvidas em finais de semanas, tanto de alunos/as quanto dos pais. Ou seja, devem ser buscadas as condições necessárias para que os/as profissionais ajustem suas aulas à necessidade de um novo olhar sobre os diversos métodos de ensino. Com isso, tornasse verdadeiro o pensamento de Costa (2015, p. 31): “a finalidade da educação é construir uma cidade para uma sociedade em transformação, portanto, a capacidade da educação é caminhar ao lado da sociedade”.

Em seguida, perguntamos: *quais estratégias, avaliações, práticas foram usadas para o ensino do EAD (Ensino a Distância)?*. Ambos os professores fizeram as mesmas pontuações, relatando que trabalhavam pelas APNP, com alguns vídeos e que faziam a avaliação de acordo com a devolutiva desses materiais. Porém, mesmo com essas opções, haviam alunos que simplesmente não davam retorno nenhum e era necessário entrar em busca ativa, na qual era a escola contatava os pais e, ao conseguir um mínimo contato, o/a aluno/a já poderia passar de ano.

O Professor A enfatizou o seguinte: *A gente fez de tudo para os meninos estarem interagindo tendo Educação Física, fazendo os movimentos em casa. Podia filmar e*

*mandar pra gente, mas, infelizmente, o acesso era muito pouco dos pais, então, assim, é muito complicado, é todo um esforço para um retorno mínimo. De 180 alunos, no máximo seis, sete que fazem vídeo brincando.*

Para Cardoso (2011), o *feedback* (reação a um estímulo; efeito retroativo) torna o/a professor/a mais presente, orienta, motiva e auxilia os/as alunos/as durante a realização das tarefas, deixa o/a educando/a ciente de seu desempenho, além de servir como fonte de troca de experiências e ajuda na formação do/a aluno/a autônomo/a. Ou seja, sem essa troca de conhecimentos e experiências, o/a professor/a se encontra sem respostas, sem saber como está sendo suas aulas e de que forma aquilo está atingindo seu/a aluno/a.

Finalizando nossa entrevista, perguntamos quais foram as dificuldades e as facilidades encontradas e se esse período interferiu no ensino-aprendizado dos/as alunos/as. Houve um consenso sobre as dificuldades encontradas, com ambos citando a falta de suporte e o retorno mínimo dos pais e alunos/as. Segundo o Professor B: *Mesmo com as atividades teóricas impressas sendo disponibilizadas na escola, ficava muito complicado do pai vir para buscar e ler pra conseguir entender o objetivo da aula e tentar passar pro filho dele. Então, eu passava a atividade, o pai tentava passar para a criança pelo olhar dele e, por mais que eu estivesse disponível no WhatsApp, não é a mesma coisa que eu estar presente dando aula pro meu aluno. Então, assim, foram tempos difíceis de perda mesmo para os nossos alunos.*

O Professor A ressaltou que esse período foi muito ruim para a Educação Física. No entanto, também destacou que ele nunca foi de usar tecnologia, relatando o seguinte: *Essa parte de usar a tecnologia para dar aula, eu comecei a utilizar pós-pandemia. Foi muito bom nesse sentido, onde utilizo vídeos, slides, essas coisas para estar dando aula. Nesse sentido, para mim foi bom. Fora que agora a gente tem um acervo de conteúdos conceituais enorme, de praticamente todas as modalidades, de todas as brincadeiras.*

É fundamental que o/a professor/a seja um/a pesquisador/a atento/a às mudanças, principalmente aquelas que a sociedade está vivenciando no presente. Ao adotar as inovações em sala, ele/ela poderá proporcionar aos/às alunos/as uma educação mais significativa e abrangente, com mais recursos, chamando sua atenção e

despertando seu interesse pelas aulas – além de toda a bagagem de saberes que o/a docente irá adquirir com essas alterações. Como nos expõe Moran (2007, p. 164), “as tecnologias são pontes que abrem a sala de aula para o mundo, que representam, medeiam o nosso conhecimento do mundo”.

Por conseguinte, quando perguntamos o ensino a distância interferiu no ensino-aprendizagem dos alunos, o Professor B respondeu: *Interferiu muito no ensino-aprendizagem dos alunos. Na verdade, interferiu cirurgicamente, pois foi muito difícil, é uma defasagem que a gente tá amargando esse ano e acredito que a gente vai levar por alguns anos. Por mais que a gente tente e corra atrás um ano e meio, dois anos não vão ser suficientes para acabar com essa defasagem tão rápido.*

Já o Professor A concluiu com a seguinte fala: *Os meninos estão com déficit motor e cognitivo enorme, os meninos estão muito atrasados. Estamos tendo que ir devagar, com calma. A complexidade das atividades é cada vez menor para conseguir que esses meninos se desenvolvam, mas o déficit é enorme, o planejamento tem que incluir isso aí.*

Como resultado, podemos perceber que houve interferências significativas na aprendizagem e na instrução dos/as alunos/as. Segundo Oliveira e Junior (2020), mesmo aqueles/as mais interessados tiveram o aprendizado comprometido no contexto de pandemia, pela falta de recursos tecnológicos, pela inexistência de espaço apropriado para o estudo, pela falta de conexão com a internet ou/e pela ausência do/a professor/a mediando o processo de ensino-aprendizagem.

Com isso, Saviani e Galvão (2021, p. 42) asseveram que o aprendizado se dá na relação com o outro e essa relação se fortalece com a presença insubstituível do/a professor/a, que identifica as necessidades emocionais e cognitivas dos/as alunos/as, e interfere no processo propondo ações que promovam o desenvolvimento dos/das educandos/as.

Os dois professores acentuam que existe uma grande defasagem na aprendizagem dos/as alunos/as devido ao período pandêmico. A partir de suas falas, é possível salientar que esse déficit está sendo um grande desafio, visto que as crianças estão com a aprendizagem tanto cognitiva quanto motora bem atrasadas e isso implica muitas dificuldades nas aulas.

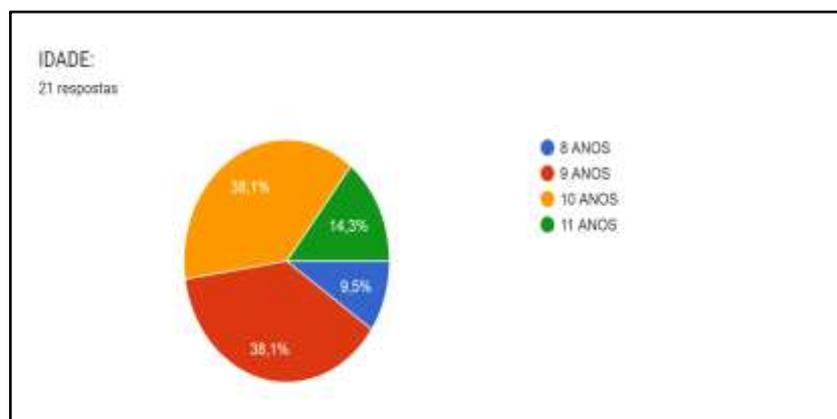
Na medida em que os diálogos aconteciam, era notória a preocupação nas falas dos professores, pois eles ainda não conseguem mensurar o tamanho desse problema, sobre como essa defasagem vai repercutir na vida dessas crianças ou se será possível recuperar esse déficit da aprendizagem. Todos esses questionamentos os deixam bem preocupados e é um dos maiores desafios para a educação nesse momento.

## 6.1 RELATO EDUCACIONAL DOS ALUNOS SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVIDA

Vamos discutir os dados das entrevistas com os alunos neste tópico. Ele será estruturado de acordo com as respostas dos inquiridos. Houve questionamentos sobre como eram as aulas de Educação Física, acerca das atividades que eram realizadas antes, durante e depois da pandemia e se os/as alunos/as frequentaram as aulas em algum desses momentos. Além disso, também procuramos saber se eles/as tinham acesso fácil à tecnologia enquanto estavam em casa e se preferiam o ensino presencial ao invés do ensino *online*. Todas as perguntas da entrevista foram feitas com a concordância das crianças e com a aprovação dos pais.

A interlocução foi feita com 21 alunos de idades diferenciadas. Na imagem abaixo, fica evidente a pluralidade da faixa etária desses alunos/as:

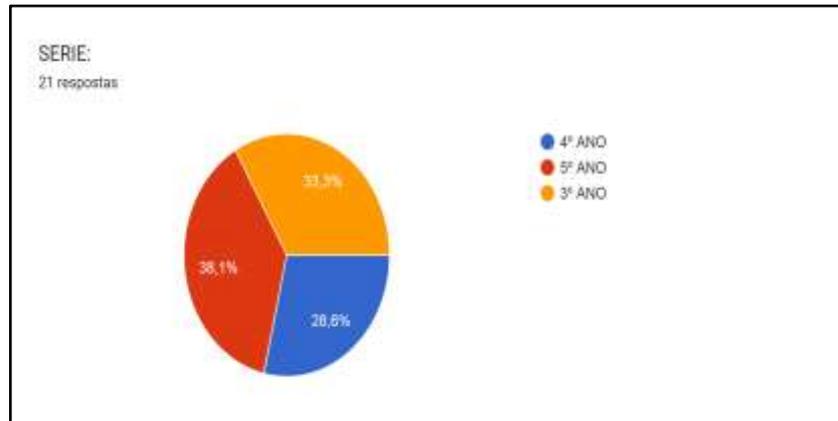
**Gráfico 1 – Idade dos/as entrevistados/as**



Fonte: as autoras.

Temos também, na próxima imagem, a série a qual cada criança pertence:

**Gráfico 2 – Série dos/as entrevistados/as**



Fonte: as autoras.

Percebemos que as crianças repetiam suas respostas com frequência durante o processo de entrevista, o que dificultava um pouco a coleta das informações que seriam cruciais para a nossa pesquisa. Essa lacuna pode estar relacionada à idade dos/as entrevistado/as, dado que eles/as são relativamente pequenos/as e muitas respostas são influenciadas pelo meio.

Segundo Hoeffel e Fadini (2007), as percepções dos diversos atores são formadas a partir de suas experiências e são moldadas com referência a contextos históricos e culturais. É por isso que pessoas da mesma cultura podem ter perspectivas diferentes sobre a mesma coisa, não havendo certo ou errado. Marin, Oliveira e Comar (2003) ainda acrescentam que não tratam a percepção apenas pelo mundo dos sentidos e entendem que elas são influenciadas por fatores como memória, afetividade, imaginário e experiências.

As primeiras perguntas queriam captar como os/as alunos/as compreendiam as aulas de Educação Física antes da pandemia e buscavam saber se eles/as participavam dessas aulas. As respostas foram similares, com todos/as respondendo que participavam, que a Educação Física era bem legal e que sempre faziam aulas na quadra. A fala de uma aluna relata bem esse contexto: *Era bem educativo e bem legal. Nós usávamos muitos materiais diferentes, o professor não gostava de repetir. Antes, ele dava a bola para gente brincar de queimada maluca.* Outro relato que

chamou bastante atenção foi o seguinte: *Era antes mais na quadra que a gente ficava brincando, mas, quando chegou a quarentena, a gente não tinha mais Educação Física.*

A fala dessa educanda deixa bem claro o que nós notamos durante as entrevistas: a maioria das crianças relataram que, durante a pandemia, elas não tiveram aula de Educação Física. Depois de analisar os inquéritos dos professores, conseguimos perceber o real motivo pelo qual elas sempre diziam que não tiveram aula dessa disciplina durante o isolamento.

Por meio do diálogo que estabelecemos com os/as alunos/as, perguntamos quais materiais eram utilizados nas aulas de Educação Física e se eles/as já usaram algum equipamento eletrônico para auxiliar nessas práticas. As respostas foram variadas. Quanto ao uso de tecnologia, alguns/algumas disseram que já chegaram a utilizar esse recurso apenas para pesquisas sobre esportes e, em relação aos materiais, repetia-se, em todas as falas, os mesmos pontos. A resposta de uma aluna conseguiu abranger bastante os materiais que foram citados, segundo ela: *A gente brincava com bola, peteca, corda e usávamos a rede.*

Em um ambiente educacional, a tecnologia é usada como ferramenta pedagógica para apoiar os processos de aprendizagem e de ensino dos/as alunos/as. O uso de tais tecnologias no desenvolvimento de aulas de Educação Física não é diferente, pois elas possibilitam a elaboração de diversas metodologias de ensino e de planos de aula, o que amplia a vida e as experiências dos/as educandos/as, além de ter o potencial de influenciá-los/las a se tornarem mais engajados/as nas atividades educacionais. Os autores Morais e Paiva (2014) relatam e defendem a importância que as escolas desempenham quando introduzem a tecnologia nas suas aulas, pois essas instituições proporcionam que os/as alunos/as tenham contato e aprendam a usar as ferramentas tecnológicas.

Dando continuidade ao questionário, a pergunta que mais obtivemos respostas foi: *Como era quando vocês estavam tendo aulas em casa? Vocês tiveram aulas de Educação Física?.* Seguem alguns relatos: Aluna A – *Tinha atividade de Educação Física, mas eu não me lembro como era, mas sei que era bem educativa. Mas não era imprimida, a gente fazia no computador mesmo e marcava as respostas;* Aluno B – *Não estava tendo aula de Educação Física. Das outras matérias, sim. Era*

*atividade em folha; Aluno C – “A gente fazia Educação Física gravando vídeo e mandando no grupo para o professor, que ele mandava”.*

Pudemos confirmar e entender com mais clareza o que os professores falaram sobre ter uma resposta mínima dos pais e dos/as alunos/as nesse momento da entrevista, pois muitas pessoas afirmaram não ter aula de Educação Física. Os professores ressaltaram que esse retorno era altamente dependente dos pais e que o *feedback deles* não acontecia com frequência.

Outro fator importante que deve ser levado em consideração é que, segundo o Professor A, *As crianças faziam as APNP de Educação Física. Só que acho que eles liam o texto sobre algum esporte, brincadeira, respondia, porém não se tocaram que era da Educação Física e, pelo jeito, não faziam os desafios que tinham que fazer em casa, em termos de movimento.* De acordo com esse docente, as crianças não entendiam que as atividades teóricas eram da área de Educação Física, já que todos eram acostumados com a disciplina mais prática, por isso a maioria disse que não teve aula dessa disciplina durante a pandemia.

Outra pergunta cujas respostas nos chamaram a atenção foi quando questionamos se as crianças participavam das aulas durante a pandemia. Uma parcela mínima disse que participava. A maioria, seja por falta de estrutura, de equipamento, de informação ou de apoio dos pais, não realizava as tarefas. Duas respostas a seguir explicitam a realidade de algumas famílias durante o período da pandemia. Uma aluna respondeu: *Eu participava de vez em quando, pois eu tinha um avô diabético e tinha que viajar com minha mãe para cuidar dele.* Outra relatou: *Quando eu podia, sim. Quando eu não participava, era porque eu tinha uma irmã pra cuidar, pois minha mãe limpava casa e meu pai trabalhava e aí eu cuidava da minha irmã bebe e não dava tempo de eu fazer as atividades.*

Diante da realidade descrita acima, Piaget (2007, p. 50) enfatiza, em sua teoria, que a relação entre escola e família é essencial para o desenvolvimento de um percurso educacional satisfatório:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações

profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades.

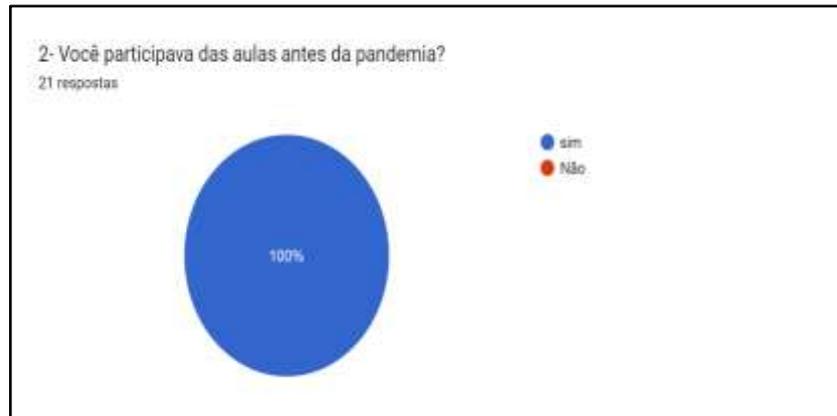
Essa citação de Piaget torna-se particularmente significativa no contexto da pandemia, quando a escola e o/a professor/a precisavam do apoio familiar para que o/a aluno/a tivesse uma experiência educacional bem-sucedida. Ainda nesse panorama, ouvimos relatos de alguns/algumas alunos/as que diziam que, durante o período que estavam em casa, não conseguiram participar das atividades e isso ocorreu por diversos fatores, dentre eles, a falta de tempo, de concentração, a casa muito movimentada e a necessidade de ajudar os pais a cuidarem de irmão e de familiares.

Nesse sentido, de acordo com Moran (2003, p. 48)

existem dificuldades sérias na aceitação da educação *online*. A primeira é o peso da sala de aula. Desde sempre, aprender está associado a ir a uma sala de aula e lá concentramos os esforços dos últimos séculos para o gerenciamento da relação entre ensinar e aprender.

Esse *peso da sala de aula* tem a ver com o que já mencionamos sobre toda a estrutura idealizada para esse *gerenciamento da relação entre ensinar e aprender*, como bem coloca o autor.

Abaixo, temos as informações sobre a relação de crianças que disseram que participavam ou não das aulas antes da pandemia.

**Gráfico 3 – Participação nas aulas antes da pandemia**

Fonte: as autoras.

Com o decorrer da entrevista, perguntamos como eram as aulas e as avaliações. A maioria disse que as aulas foram pela APNP (atividades pedagógicas não presenciais) e relatou que havia algumas atividades *online* e filmagens de vídeo. Para exemplificar esse ponto, seguem as respostas: Aluna A – *Tinha umas provinhas que buscava na escola e a gente fazia e também tinha umas aulas online*; Aluna B – *Eu fazia as atividades pelo celular do meus pais. Eram atividades enviadas pelo WhatsApp. Eram jogos que dava pra fazer em casa e algumas pesquisas sobre os esportes*; Aluno C – *Eram perguntas que falava tipo: qual nome dessa brincadeira que envolve tal e tal coisa e escrevia o que era as alternativas A, B e C. Bem no começo da pandemia, era imprimidas e depois foi aumentando o negócio da pandemia e começou a ser online.*

Com relação às avaliações, as atividades feitas nas APNP, os pais ou até mesmo alguns/algumas alunos/as faziam devolutivas para a escola e os/as professores/as corrigiam. Já aqueles/as que faziam as atividades online e de vídeo, o/a professor/a observava a participação realizada nas tarefas e nos desafios dos movimentos.

A troca de ideias por meio de atividades específicas de disciplinas, bem como a variedade de atividades criadas pelos alunos, é componente fundamental dos processos educacionais. Paulo Freire (1977, p. 69) já dizia há muitos anos que “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não há transformação do saber, mas um encontro de interlocutores que buscam uma significação dos significados”. Quando o uso das TICs muda a forma como esse processo é

mediado, nossos modos de comunicação e de interação também se transformam. O domínio da tecnologia torna-se crucial para a manutenção desse processo e é um desafio tanto para professores/as quanto para alunos/as.

Finalizamos as entrevistas com três perguntas que se completavam, sendo elas: 1) *Você prefere aula online ou presencial?*; 2) *Teve alguma mudança nas aulas nesse retorno pós-pandemia?*; e 3) *Você acha que aprendeu alguma coisa?*. Na primeira questão, todos responderam que preferem presencial, pois conseguem ter mais atenção e auxílio dos professores. Apenas um aluno disse que preferia o modelo a distância: *Online, porque eu não gosto da escola. Gostava das aulas online, porque eu fazia uma matéria a cada dia e, na escola, é um monte e, em casa, eu fazia rápido e depois ficava vendo vídeo.*

Ao responderem a segunda pergunta, a maioria das crianças disse que está a mesma coisa. Por outro lado, alguns/algumas disseram que, hoje, não brincam com tantas atividades igual brincavam antes. Uma aluna explicou: *Mudou um pouco, porque, antes, tinha mais brincadeira. Hoje em dia, é mais queima e brincadeiras em família, tipo pular corda e pião.*

Finalizando com a terceira e última pergunta, grande parte relatou que não conseguiu aprender os conteúdos durante a pandemia. Uma aluna informou o seguinte: *Não aprendi muito, pois, em casa, eu tinha dúvidas e não conseguia perguntar o professor. Aqui na escola, eu aprendo mais, pois eu já pergunto o professor na hora.* Essa resposta relata bem a realidade que as crianças enfrentaram nesse período, visto que elas tinham apenas os pais para auxiliar. Logo, não podemos negar a realidade das famílias brasileiras, na qual os responsáveis trabalham o dia inteiro e possuem outros afazeres, o que dificultou muito o processo de ensino-aprendizagem dos/as filhos/as durante esse período.

Em comparação com os demais componentes acadêmicos, a Educação Física exige um maior uso do corpo. Nas práticas das unidades temáticas dessa disciplina, de acordo com a BNCC, é muito comum um contato físico mais próximo entre professor/a e aluno/a. Por outro lado, a pandemia da Covid-19 trouxe algumas modificações nessa realidade. Dessa forma, a Educação Física está saindo com muitas dificuldades que provavelmente continuarão a existir quando retornarem as aulas presenciais, seja em um curto ou longo período de tempo.

Com o retorno das aulas, “está claro que, na oportunidade da possibilidade de retorno às atividades escolares presenciais, essas deverão estar repletas de cautelas e cuidados sanitários, mas também atentas aos aspectos pedagógicos” (BRASIL, 2020, p. 2). Apesar das dificuldades trazidas pelo fechamento das escolas, a educação em Educação Física conseguiu ser redefinida após a pandemia. O saber fazer, que era algo frequente nas aulas, abriu espaço para outros métodos de aprendizagem.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar se houve impactos com uso da tecnologia no processo pedagógico nas aulas de Educação Física com alunos/as do 3º ao 5º ano de uma escola pública de Vila Velha/ES. Por meio das entrevistas e do tempo que passamos dentro da escola, foi possível entender um pouco mais sobre a realidade que tanto os/as professores/as quanto os/as educandos/as passaram durante na pandemia, tendo em vista que todas essas dificuldades estão refletindo nos dias atuais, depois momento histórico. O uso da tecnologia afetou e não deu conta do novo processo educacional e sem ela não seria viável manter as práticas educativas.

No entanto, entendemos que, para que as tecnologias pudessem ter impactado de maneira significativa, seria necessária toda uma preparação de apoio tecnológico tanto para os/as professores/as quanto para os/as alunos/as e familiares, já que estamos falando de crianças de sete a onze anos e que não possuem seus próprios aparelhos eletrônicos. Sabemos que essas tecnologias estão presentes na nossa realidade há muito tempo, porém a inserção delas no meio escolar ainda é precária e muito mais sobre os professores/as utilizarem desde meio nas suas didáticas. Diante da realidade observada durante as entrevistas, percebemos que esse apoio da inserção da tecnologia nas aulas não aconteceu, tornando-se um dos principais motivos pelo qual as aulas a distância não deram tão certo nesse período.

Durante as entrevistas, muitos pontos importantes emergiram para que pudéssemos entender o contexto pelo qual a escola enfrentou e enfrenta, dentre eles as dificuldades que os/as professores/as e os/as alunos/as passaram durante esse processo. Foi notória a falta de apoio para com os/as profissionais da educação, uma vez que eles/elas tiveram que reinventar sua prática pedagógica, seus conteúdos e suas avaliações, pois todo o contexto mudou e, devido a esse fator, os/as educadoras precisaram lecionar em modo remoto sem ter apoio algum da prefeitura.

Os/as professores/as tiveram inúmeras dificuldades em conseguir elaborar conteúdos e em fazer com que o material produzido chegasse de maneira simplificada aos/as alunos/as. Eram utilizadas três estratégias: as APNP, o *Google*

*Meet* e o *Google Classroom*. Mesmo assim, não foi possível atingir a todos. A forma de avaliação também ficou prejudicada, já que muitos não participavam.

Já por parte dos/as alunos/as, houve essa mesma problemática, pois as famílias não estavam preparadas para esse momento, o que atrapalhou ainda mais o processo de aprendizagem. Tivemos muitos relatos de crianças que não participaram das aulas remotas e, dentre os motivos os mais citados, estava a falta de aparelho eletrônico para acompanhar as atividades. Além disso, os/as educandas/as possuíam a necessidade de ter os pais presentes para que pudessem participar das aulas, tanto para buscar atividades nas escolas quanto para conectá-los nas aulas EAD e dar apoio nas atividades.

Alguns relatos que também nos chamaram atenção se referem às aulas de Educação Física, com muitas crianças dizendo que não tiveram essa disciplina no período da pandemia. Porém, constatamos que a maioria daqueles/as que deram essa resposta era por não conseguir identificar, nas apostilas, que as atividades eram de área, visto que a Educação Física, na escola pesquisada, era, em sua totalidade, uma disciplina prática.

Portanto, entendemos que esse período foi de grande dificuldade para os/as professores/as, os/as alunos/as, a escola e os/as familiares e de perdas no processo de ensino-aprendizagem das crianças. No entanto, ainda não sabemos como esse déficit irá refletir na vida desses/as educandos/as. Por meio das entrevistas com os/as docentes, percebemos que muitos/as discentes estão com déficit cognitivo e motor. Alguns/algumas ainda estão em processo de alfabetização e outros não conseguem executar movimentos simples nas atividades.

Como resultado, entendemos que o diálogo e a proximidade entre escola e a família são essenciais. A escola deve buscar iniciativas que apoiem cada vez mais professores/as e famílias no uso da tecnologia, tendo em vista que o mundo está se tornando mais globalizado e propício a novas pandemias. Ao incorporar essas novas tecnologias na vida das crianças, professores/as e famílias, será possível que uma experiência melhor surja no futuro.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, T. An Updated and Theoretical Rationale for Interaction. **ITForum**. Canada: Athabasca University, 2002. Disponível em: [http://itforum.coe.uga.edu/AECT\\_ITF\\_PDFS/paper63.pdf](http://itforum.coe.uga.edu/AECT_ITF_PDFS/paper63.pdf). Acesso em: 21 jun. 2022.
- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **Em rede: Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 258-275, Maio, 2020.
- ASSIS, T. D. S. D.; FRANCO, A. S. **CEREBRO: Exergames: Jogos eletrônicos e exercícios**. Disponível em: <[http://www.cienciasecognicao.org/portal/wp-content/uploads/2011/09/2011\\_noticias\\_07\\_exergame.pdf](http://www.cienciasecognicao.org/portal/wp-content/uploads/2011/09/2011_noticias_07_exergame.pdf)> Acesso em: 10 jun. 2022
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. *In*: MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. P. 07-123.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, Diretoria de Currículos e Educação Integral, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2013-pdf/13677-diretrizes-educacao-basica-2013-pdf/file> . Acesso em: 25 abr. 2022.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/educacao-fisica>. Acesso em: 12 set. 2021.
- BRASIL. **Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia**. Brasília: Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2020-pdf/148391-pcp011-20/file#:~:text=Nos%20termos%20definidos%20pelo%20Parecer,acordo%20com%20as%20medidas%20estabelecidas>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- BROOKFIELD, S. D.; PRESKILL, S. **Discussion as a Way of Teaching: Tools and Techniques for Democratic Classrooms**. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1999.
- CARDOSO, A. C. S. Feedback em contextos de ensino-aprendizagem on-line. **Linguagens e Diálogos**, Doczz, v. 2, n. 2, p. 17-34, nov. 2011.
- FERRETTI, Celso João. A reforma do Ensino Médio e sua questionável concepção de qualidade da educação. **Revista Scielo**, São Paulo, Volume 1, p. 6, maio 2018.

CERISIER, J. F. Culture numérique versus culture scolaire. **Revue de l'AFAE**, academia.edu, v. 2, n. 117, p.11-23, maio 2014.

COSTA, S. M. **A influência dos recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem**. 2014. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Sousa, 2014.

DEMO, P. **Pesquisa: Princípios Científicos e Educativos**. São Paulo. Cortez, 1993.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FINARDI, K. R., TEIXEIRA, D. Tics No ensino presencial: Evidências de um curso de formação continuada na universidade federal do Espírito Santo. **Revista (Con)Textos Linguísticos**. v. 7 n. 8.1, 2013.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GODOI, M; KAWASHIMA, L. B; GOMES, L. A. “Temos que nos reinventar” os professores e o ensino da educação física durante a pandemia de COVID-19. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 86-101, set./dez. 2020.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

HOEFFEL, J. L.; FADINI, A. A. B. Percepção ambiental. *In*: **ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras(es) e coletivos educadores**. Brasília: Departamento de Educação Ambiental, 2007. v. 2. p. 253-262.

KRAMER, S. **Com a pré-escola nas mãos**. São Paulo: Ática, 2000.

KENSKI, V. O impacto da mídia e das novas tecnologias de comunicação na educação física. **Motriz**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 129-133, dez. 1995.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 3 ed. Campinas: Papyrus, 2003.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOPES, A. C.; MACEDO; E. **Teorias de currículo**. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LÜDKE, M; MEDA, A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MARIN, A. A.; OLIVEIRA, H. T.; COMAR, V. A educação ambiental num contexto de complexidade do campo teórico da percepção. **Interciencia**, Caracas, v. 28, n. 10, p. 616-619, out. 2003.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 2011.

MIRANDA, Guilhermina Lobato. Limites e possibilidades das TIC na educação. **Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n. 3, p.41-50, ago. 2007.

MORAES, M. C. Educação a distância e a ressignificação dos paradigmas educacionais: fundamentos teóricos e epistemológicos. *In*: MORAES, M. C.; PESCE, L.; BRUNO, A. R. (orgs.). **Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação online**. São Paulo: RG Editores, 2008, p.149.

MORAIS, C.; PAIVA, J. Olhares e reflexões contemporâneas sobre o triângulo sociedade-educatécologias e suas influências no ensino das ciências. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 953-964, out./dez. 2014.

MORAN, José Manuel. *A Educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá*. SP: Papirus Editora, 2007.

MORAN, J. **Contribuições para uma pedagogia da educação on-line**. 2003.

Disponível em:

[https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/353952/mod\\_data/content/7709/Contribui%C3%A7%C3%B5es%20para%20uma%20Pedagogia%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Online.pdf](https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/353952/mod_data/content/7709/Contribui%C3%A7%C3%B5es%20para%20uma%20Pedagogia%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Online.pdf). Acesso em: 15 de abril de 2022

OLIVEIRA, D. A.; JUNIOR, E. A. P. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 30, p. 719-735, set./dez. 2020.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2007.

PRETTO, N. L.; SERPA, L. F. P. A educação e a sociedade da informação. *In*: DIAS, P.; FREITAS, C. V. Challenges 2001. **Actas da II Conferência Internacional de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação**. Braga: Centro de Competência Nónio Século XXI da Universidade do Minho, 2001. p. 21-41

PRENSKY, M. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. NCB University Press, v. 9, n. 5, 2001.

RAIOL, R. A. Praticar exercícios físicos é fundamental para a saúde física e mental durante a Pandemia da COVID-19. **Braz. J. Hea. Rev.** Curitiba, v. 3, n. 2, p. 2804-2813 mar./apr. 2020.

ROHDEN, R. **Uso das tecnologias nas aulas de educação física escolar.** Repositório Institucional da UFSC, Santa Catarina, dez. 2017.

REVISTA NOVA ESCOLA. *Secretária executiva do MEC esclarece pontos do Novo Ensino Médio* Edição de 3.1.2017. Disponível em:

»  
<https://www.google.com.br/search?q=Secret%C3%A1ria+executiva+do+MEC+esclarece+pontos+do+Novo+Ensino+M%C3%A9dio+Revista+Nova+Escola&og=Secret%C3%A1ria+executiva+do+MEC+esclarece+pontos+do+Novo+Ensino+M%C3%A9dio+Revista+Nova+Escola&ags=chrome..69i57.37338j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

SANTOS, D. P. B. D; SANTOS, G. F. D. L. **Educação física e os exergames:** Aprendizagem sobre o conteúdo habilidades motoras de locomoção. Paraná, Conpef, 2010.

SANTOS ROCHA, A. J.; NASCIMENTO, F. L. Psicologia: análise bibliográfica da síndrome de Burnout no contexto da pandemia da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa vista, v. 7, n. 21, p.72-85, Setembro, 2021.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação:** trajetória, limites e perspectivas. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

SAVIANI, D; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**, Brasília, n.67, p. 36-49, Janeiro 2021.

SEBRIAM, D. C. S. **Utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino de Educação Física.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Mídias para a Educação) – Université de Poitiers Faculdade de Motricidade Humana de Lisboa Universidad Nacional de Educación a Distancia de Madrid, Madrid, 2009.

SOARES, E. M. S.; ALMEIDA, C. Z. Interface gráfica e mediação pedagógica em ambientes virtuais: algumas considerações. **X Anped Sul**, Florianópolis, Outubro, p.01-16, Outubro 2016.

VALENTE, J. A. Diferentes usos do computador na Educação. *In*: VALENTE, J. A. (org.): **Computadores e conhecimento:** repensando a educação. Campinas: Gráfica Central da Unicamp, 1993. p.116.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), v. 20, n. 5, p. 383-386, Setembro/Outubro, 2007.

VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

## APÊNDICE A – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS ALUNOS

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Nome:
- Idade:
- Data de nascimento:
- Data e local da entrevista:
- Série em que estuda:

### ENTREVISTA

- Como era a Educação Física antes da pandemia?
- Você participava das aulas?
- Quais equipamentos eram utilizados nas aulas? Chegou a utilizar de alguma tecnologia nas aulas de Educação Física?
- E como era quando você estava tendo aula de casa?
- Você teve acesso fácil aos equipamentos? Sim ou não?
- Por quê?
- Participava das aulas neste período de pandemia?
- Como eram as atividades?
- E as avaliações?
- Você prefere aula presencial ou *online*?
- E agora, o que mudou em relação às aulas?
- E o que você aprendeu?

## APÊNDICE B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA AOS PROFESSORES

### DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

- Nome:
- Data de nascimento:
- Data e local da entrevista:
- Formação Profissional:
- Disciplina/s que ministra na escola:
- Tempo de formação:
- Tempo de trabalho na rede:

### ENTREVISTA

- Como eram as aulas de Educação Física antes da pandemia?
- Quais eram os conteúdos que trabalhava?
- Como desenvolve os conteúdos?
- Como eram as práticas?
- Como realizava as avaliações?
- Os estudantes participavam das aulas?
- Quais tecnologias e equipamentos usava nas aulas?
- Quais foram as principais mudanças em relação ao ensino durante o período pandêmico? Compare como era antes, durante e como está sendo agora.
- Existe alguma estrutura de apoio aos professores para a integração de recursos tecnológicos às práticas pedagógicas?
- Quais estratégias, avaliações, práticas foram usadas para o ensino do EAD (Ensino a Distância)?
- Durante o período pandêmico, quais foram as dificuldades e as facilidades encontradas?
- Você acha que isso pode ter interferido no ensino-aprendizado dos alunos?
- Quais avaliações e estratégias você usa agora depois desse período pandêmico?